

PASTORAL EDUCATIVA

UMA VISUALIZAÇÃO DA TAREFA EDUCATIVA ESCOLAR À LUZ DA FÉ

Uma perspectiva argentina

Santiago Rodríguez Mancini, FSC

Com a colaboração do Lic. Javier Castagnola, Prof^a Patrícia Cesca, Lic. Mariano Walenten, Lic. Mario Cabrera, Lic^a Viviana Aragno, Lic. Adrián Di Gregório, Irmão Patrício Bolton, Prof. Fabián Ghirardello, Lic. Martín Brusa.

INTRODUÇÃO

Mais do que um modelo ou uma concretização de pastoral escolar da realidade argentina, o que lhes oferecemos, prezados leitores, é um terremoto ou um tufão, que, depois de um abalo ou arraso, não deixará as coisas como estavam. Para todo iniciado, esse abalo ou arrasamento, fará cair por terra, se não as conceituações, mas sim uma prática pastoral escolar que resiste ao êxito tanto nos contextos religiosos como nos profanos. Ao não iniciado em teorias e propostas pastorais, abrir-se-á um universo inexplorado para a reflexão e a prática, não importando a disciplina educativa que estiver ministrando ou o encargo escolar de que estiver incumbido, pois o texto é dirigido a todos os implicados na tarefa docente; sim, a todos sem exceção. O próprio título já nos sugere muito: “Uma Visualização da Tarefa Educativa Escolar à Luz de Fé”, pois, como se revelará no final, a pastoral, antes de tudo é “uma maneira de *visualizar* na fé a tarefa educativa, as disciplinas escolares, a faina de todos os dias”. Isto, porque se trata mais de uma maneira de situar-se responsável e coletivamente, do que de planos, de atividades extra-escolares ou de capelas e ritos.

Sem nenhum temor de nos estarmos enganando, diríamos que, neste Caderno, temos igualmente em mente o professor de Física e o de Religião, a professora de Idiomas Estrangeiros e o Coordenador da Catequese, a Recepcionista e o Coordenador de Pastoral, a professora de Latim e o Religioso que prepara as crianças para a Primeira Eucaristia, ao propor alguns exemplos de atividades ou incumbências que aparentam ser de natureza distinta, quiçá conflitiva. O que foi dito acima é certo, malgrado pequeno exagero, se admitirmos, como será expressado magistralmente ao longo da exposição, as chaves fundamentais são a questão de atitude, o relacionamento como base fundamental, o diálogo e a síntese fé/cultura/ciência/vida são chaves fundamentais como tarefa única de um projeto educativo pastoral.

No início asseveramos que não estamos oferecendo um modelo concreto. Bem antes, trata-se de uma janela que abrimos para através dela visualizar; de uma bússola para indicar o rumo; de um ponto de partida para a ação; de um “misticismo” que introduz no mistério e na

esperança: com poucas respostas e muitas perguntas, num interminável ir-e-vir, como a sabedoria e o discernimento estão a exigir.

Mais do que uma leitura individual, seria aconselhável um exame cuidadoso em grupos, de todos os agentes da comunidade educativa. Os questionários no final de todos os capítulos foram cuidadosamente pensados para que você e eu, vocês e nós, mediante perguntas de grande alcance, possamos participar apaixonadamente num projeto curricular que será pastoral, não apenas por suas atividades religiosas no horário, mas fundamentalmente, porque “com a mensagem evangélica, através de todo o currículo escolar, consegue incidir sobre o pensamento e a vida dos adultos, jovens e crianças que nela transitam, com vistas na construção da Igreja, para a vinda do Reino de Deus no mundo”.

Para ajudar no “como” pôr em execução uma assertiva tão séria, neste Caderno nos são apresentados exemplos concretos, a partir da práxis num Centro Educacional concreto.

Questionário para reflexão pessoal ou em grupos

Antes de iniciar com o desenvolvimento do texto, lhes propomos uma reflexão, no sentido de pôr as cartas na mesa.

- *O quê denominamos nós de pastoral?*
- *O quê entendemos nós por educação?*
- *Há algum sentido em correlacionar estes dois elementos e pensar uma pastoral educativa de acordo com nossa experiência e as possibilidades que divisamos nas obras educativas em nosso meio?- Qual seria esse sentido? Que consequência traz para nós como educadores?*
- *O quê seria específico da pastoral educativa?*
- *O quê, no nosso entender, seria religioso?*
- *O quê seria mais importante na implementação da pastoral educativa?*
- *Que lugar ocupa em nossa vida?*
- *Como funciona em cada um de nós a relação que a religiosidade implica com os sentimentos e o mandato ético?*
- *O quê pensamos nós da(s) disciplina(s) que ensinamos? – Em que medida acreditamos que ela(s) tem alguma relação com o religioso?*
- *Quais seriam as condições de possibilidade que podemos prever como necessárias, a partir da comunidade dos Irmãos e a partir da instituição educativa em que trabalhamos, para que possa concretizar-se uma pastoral educativa?*
- *Quantas estruturas grupais/comunitárias existem na obra educativa em que atuamos?*
- *Quem é o ator principal da mudança institucional na obra educativa?*

PASTORAL EDUCATIVA: O QUÊ FAREMOS NÓS?

*“Essencialmente,
os fundamentos da educação
são espirituais. (...)
Por espiritualidade dos educadores
eu entendo os compromissos operativos
que, a partir da perspectiva da fé,
sustentam e permeiam toda a sua atividade educativa”.*
Thomas Groome

Não há quem não perceba que as instituições educativas católicas não podem oferecer um modo de ver o mundo que penetre suficientemente os alunos em profundidade e de maneira estável para influenciar a vida social e modificar o estado das coisas. Com muito mais razão, ordinariamente nós não nos apercebemos que nossos alunos concluem sua escolaridade sem uma idéia clara da vida cristã, da conceituação do ser humano, da sociedade e do mundo que se harmonize com o Evangelho. Muitas de nossas escolas confiam isto a uma série de dispositivos evangelizadores, tais como a catequese ou os grupos de jovens.

Neste texto queremos chamar a atenção sobre o conjunto da organização escolar. Temos que diligenciar por um tipo de pastoral especificamente educativa e escolar. Com certeza, teremos que fazer outras coisas na escola. É de todo conveniente que pensemos a escola e os conteúdos educativos como uma extensão ideal para a ação pastoral.

Quando dizemos *pastoral* queremos significar a práxis da comunidade eclesial que, seguindo a maneira concreta de agir de Jesus, procura colaborar para a construção do Reino de Deus na sociedade, mediante a implantação de comunidades eclesiais. O que nos interessa, é atinar em que medida a escolarização e seus conteúdos podem contribuir para essa construção e essa implantação.

Temos que estabelecer uma distinção entre as atividades religiosas que se realizam na escola e a pastoral educativa. Uma coisa é que haja celebrações eucarísticas, aulas de ensino religioso, funcionamento de grupos de jovens, ou que haja muitos voluntários que atuem nas periferias de baixa renda. Bem outra coisa é que haja pastoral educativa. Porque para o desenvolvimento desse tipo de atividades não seria preciso haver uma escola. Bastaria haver uma capela.

Em nossas escolas, os conteúdos “religiosos” são justapostos a todos os outros conteúdos escolares. Limitados aos horários das aulas de religião ou às de matérias que as substituam, elas só se relacionarão com as outras disciplinas caso houver um confronto ou contradição. Queremos assinalar que aqui está o principal problema que temos que remediar.

Aludimos a isto como uma tarefa que deve ser levada a bom termo: a síntese fé/ciência, síntese fé/cultura. Mas é uma tarefa que cada Irmão e cada colaborador leigo, cada membro da diretoria e cada professor (e cada aluno) deve efetivar em vista de seu próprio interesse. Nossa pastoral docente ou a formação que oferecemos aos nossos professores em nossas instituições, habitualmente não se esmera em vista deste aspecto específico. Empenhamo-nos em difundir o pensamento lassaliano, no melhor dos casos. Mas não temos o hábito de acompanhar o processo de auto-apropriação que La Salle nos incita a realizar. É uma tarefa deixada em suspenso. Sobre-

tudo nestes tempos, em que muitas pessoas da comunidade escolar (Irmãos, diretores, professores e alunos) não tiveram a iniciação cristã que torna possível e até facilitada essa síntese.

A dificuldade da síntese, quando da apresentação dos projetos fragmentados das matérias escolares se complica, em nosso tempo, devido à insignificância social do fato religioso cristão nas sociedades secularizadas como as nossas, e pelas limitações que a catequese de iniciação tem tido, e sempre tem, para os Irmãos, os professores, os alunos e as famílias.

Assim propomos algumas convicções básicas:

- a) A característica da escola é seu lado educativo, que se vai concretizando mediante os conteúdos;
- b) a característica de uma equipe docente educativa é sua ciência, seu saber, sua cultura;
- c) aqueles que se achegam a uma escola, também a católica, o fazem em busca do saber;
- d) se a escola quiser apresentar uma proposta pastoral, esta deverá ser uma pastoral na linha do saber, dos conhecimentos: se a pastoral que denominamos de educativa, não pertencer ao currículo escolar, às disciplinas lecionadas, se não se encontrar ali, simplesmente, não haverá pastoral;
- e) a justaposição (quando não for simplesmente a irrupção ou a interrupção), não será uma via válida para a pastoral educativa;
- f) o exame crítico das ciências nesta época de transformações pode tornar possível essa pastoral;
- g) tudo isso será impossível caso não houver um grupo de educadores conscientes da mudança necessária. O ator principal da mudança institucional é o professor e o professor integrante de um grupo ou de uma comunidade consciente e responsável;
- h) isto implica uma iniciação ou uma reiniciação, tanto religiosa quanto política, dos educadores.

Questionário para reflexão pessoal ou em grupos

- *O quê nos sugere o exposto até aqui?*
- *Concordamos com o diagnóstico acima esboçado?*
- *Com que dados coincidentes ou divergentes podemos contribuir?*
- *Concordamos com essas “convicções básicas?”*
- *De que tipo de formação necessitam os educadores para isto?*

RUMO A UM PLANEJAMENTO PROGRAMÁTICO

*“Deus atua por dentro e através
de um processo evolutivo incrivelmente complexo,
físico e histórico-cultural,
que se iniciou desde há priscas eras”.*
Sallie McFague

Uma Mística do Mundo

Nós entendemos que pastoral, a educativa ou qualquer outra, parte de uma diligente busca de discernimento da ação de Deus e da vontade de Deus sobre o mundo e a história. Mas, discernir os sinais dos tempos significa que tenhamos uma fé convicta que a Palavra de Deus está viva em nosso tempo. Este é o ponto de partida. A questão pastoral, decididamente não é *“como iremos falar de Deus aos homens de hoje”*. A questão pastoral sempre será: *“Como Jesus está falando hoje, aos homens deste tempo”*.

Quem se põe diante da primeira questão não vai em busca de sinais. Ele tem a convicção de ter ouvido Deus falando, e saber o quê Ele falou uma vez para valer sempre. Nesta perspectiva, a pastoral é um problema de meios, um problema que consiste em verificar quais seriam as adaptações de linguagem necessárias para que a verdade de sempre seja compreendida hoje. Um problema de meios, de técnicas e de dinâmicas, por conseguinte.

Pelo contrário, quem se põe diante da segunda questão, sabe que o problema se situa nas mediações. Sabe que Deus falou em Jesus de maneira única, completa e insuperável. Mas sabe também que o Espírito Santo é enviado ao mundo, e que Jesus é o Senhor da História. O Concílio renovou esse velho conceito: *“Por sua encarnação, o Filho de Deus uniu-se, de algum modo, a todo homem”* (Gaudium et Spes, 22). Disto resulta que todo criado e tudo o que é humano é a expressão de Deus no tempo, mediação do encontro com Deus. A pergunta pelo humano se fez pergunta por Deus. Afirmar o domínio de Jesus sobre a História é afirmar que não há tempos subtraídos de sua autoridade e influência. Afirmar isto é o caminho para o discernimento dos sinais dos tempos. É alargar a pergunta para a voz, a manifestação da opinião de Jesus sobre a cultura de hoje. É preparar-nos para a acolhida da Palavra através de termos que, talvez, não esperávamos.

Este é o ponto de partida da preocupação pastoral educativa. É adotar uma atitude positiva em relação ao mundo. Mais do que isto, uma mística, uma preocupação contínua da mente pelo mundo de hoje. Uma simpatia que seja um relacionamento de fé.

Nem sempre é possível pôr em prática uma pastoral escolar,

porque essa simpatia necessita de um sujeito. Para pôr em marcha e manter uma pastoral educativa, são exigidas algumas condições. A primeira delas é que exista uma comunidade de educadores que tenham a consciência de sua missão. Um ou vários grupos de educadores com a consciência missionária suficiente de como mobilizar a todos em vista de uma ação planejada.

A comunidade sempre é manancial, espaço e meta de qualquer ação evangelizadora. Não existe pastoral, nem educativa nem qualquer outra, como movimento de uma única pessoa. Fundamentalmente, na ação pastoral se trata de criar subjetividade social crente. E na pastoral educa-

tiva trata-se de dar poder aos grupos, para levarem adiante seu projeto de fé a partir da escola. Porque a ação pastoral procura implantar o Reino de Deus na sociedade pela implantação de comunidades eclesiais.

Não haverá pastoral educativa se o móbil não estiver nos educadores. A pastoral educativa não pode ser obra dos religiosos ou das religiosas separadamente do conjunto dos educadores. Não pode ser tarefa de um pequeno grupo de catequistas ou dos membros da diretoria que têm por função movimentar o conjunto das atividades. Os principais agentes da pastoral educativa são os educadores. Todos os engajados em atividades escolares de educação são atores da pastoral.

A pastoral educativa é sempre uma ação planejada, isto é, que parta de um discernimento participativo sobre a situação presente, em tensão com os desafios do Reino de Deus, procurando responder racionalmente mediante uma ação que promova a conversão das pessoas e dos grupos ao Evangelho (*Cf. Documento de Puebla, 1307*).

Este planejamento da pastoral educativa deve reconhecer as diferenças, as desigualdades e os pluralismos que existem entre os educadores. Mas compreender-se-á que a história de todos é a preparação evangélica de cada um para o encontro com a comunidade crente.

Esse planejamento é o recurso prático que o discernimento dos sinais dos tempos assume, e ao qual nos referimos logo acima. Quem compreender a situação presente como Palavra de Deus na linguagem dos homens, encontrará oportunidades, encontrará os momentos oportunos, *kairoi*.

A Pastoral Escolar: Um Objetivo, Dois Processos, Três Opções, Quatro Frentes, Cinco Competências

Versar sobre Pastoral Escolar é fazer referências a uma seqüência de aspectos muito complexos, malgrado profundamente unitários. O que é único, é o objetivo para o qual todos devem convergir: **a síntese fé/vida/cultura**. Este é o objetivo básico da atividade educativa: formar comunidades de crentes que se encontrem em torno de saberes culturais socialmente significativos para serem recriados de maneira crítica à luz da fé, para ali procurar a conversão pessoal e do grupo. Esta é **a tarefa**, o objetivo, de todos os integrantes da comunidade escolar: diretores, docentes, auxiliares, alunos, famílias, religiosos, leigos.

Na vida escolar, esta tarefa se concretiza através de **dois processos** que, por sua vez, se desdobram em múltiplas atividades. Por um lado, há um processo que tem a ver com a **evangelização da cultura e da inculturação do Evangelho**. É o processo relacionado com o discernimento que a comunidade educativa faz para descobrir Deus no seio dos bens culturais que constituem o trabalho escolar e para neles desenvolver, os bens do Reino. O espaço privilegiado das atividades deste processo são as aprendizagens sistemáticas. Mas, além disso, há o processo não menos central da **evangelização das situações cotidianas**. Não se trata apenas de oferecer uma visão da vida profundamente evangélica como uma construção coerente; trata-se, ademais, que esta visão seja operante na vida de todos os dias de todos os educadores integrantes da comunidade escolar. Reconhecer a Palavra de Deus “nos bens da dignidade humana, a união fraterna e a liberdade, em todos os frutos excelentes da natureza e do nosso esforço” (*Gaudium et Spes*, 39) nos deve levar a crescer em dignidade, fraternidade, liberdade, em transformação social para uma sociedade alternativa. O espaço privilegiado para as atividades deste processo são a convivência diária e o acompanhamento de todas as pessoas, as situações imprevistas que requerem

intervenção, a constituição de grupos e comunidades de fé, a aprendizagem das opções e a pastoral vocacional, as atividades assistenciais, solidárias e missionárias.

Pensar em termos de solicitude na pastoral educacional numa escola que desejar garantir este objetivo com o auxílio destes dois processos, acarreta **três opções**. Em primeiro lugar, a solicitude pela pastoral educacional considera a educação como uma **questão profana, secular, temporal** (não secularista). Declarar isto significa que a catequese não é o centro da atividade pastoral, mas sim o mundo com seus conhecimentos teóricos e práticos. E no centro desses conhecimentos está o homem, o ser humano – todo homem e todos os homens – Por isso, no centro da vida escolar estão as pessoas, toda pessoa e todas as pessoas. O centro de interesse da atividade escolar é o mundo, científico e tratado pragmaticamente. Um mundo entendido como um emaranhado de relações. Os relacionamentos entre as pessoas são as que constituem o tecido escolar e o tecido do mundo e de seus conhecimentos. A pastoral educativa reconhece nisto uma atividade evangelizadora: põe em diálogo o profano e o cristão num vaivém de questionamentos e de soluções.

Uma segunda opção consiste na **busca de uma sociedade alternativa**. Numa escola com um projeto de inspiração cristã ensinamos visando a transformar tanto a sociedade como a nós mesmos. Visamos a transformar a nós mesmos e à sociedade, sim, mesmo nestes tempos de desencanto e de desvanecedoras utopias, asseveramos que um outro mundo é possível. Por isso, a pastoral educativa é um assunto que se discerne a partir do lugar do pobre.

Em terceiro lugar, a solicitude pela pastoral educativa pensa numa **linha missionária**. Não existem mais cristandades. Necessitam-se processos, ações de iniciação e de reiniciação permanentes. Trata-se de fundações e refundações de comunidades eclesiais, o mais das vezes provisórias. Não podemos pretender manter escolas católicas, só para católicos, dirigidas por católicos. Na época da cristandade a escola católica praticava uma pastoral de manutenção, de preservação. Na nossa sociedade secularizada, trata-se de iniciação. Religião, valores, moral são questões abertas e plurais nas escolas. Importa buscar o diálogo como o apóstolo Paulo no Areópago, o nosso Deus, o Deus de Jesus Cristo está aqui, mesmo que uns e outros o ignoremos.

O objetivo escolar pode ser pensado em **quatro frentes** que nos permitem delinear os processos de renovação que nos conduzirão a uma atividade planejada em vista de uma pastoral educativa. Nós pensamos em frentes, não em dimensões ou em opções. A vida escolar é uma, mas nós podemos arrostá-la a partir de quatro linhas de frente.

Por um lado existe aquilo que alguns pedagogos denominam de **a Matriz da aprendizagem institucional**. Outros falam de clima institucional ou ambiental. Graciela Frigerio¹ a define como a maneira pela qual a instituição toma vida, se constrói, se modela e nela se vivencia. É tudo aquilo que faz da escola um verdadeiro lugar antropológico: um espaço prenhe de história, no qual a relação face a face confere uma identidade particular àqueles que nela habitam. Ou, pelo contrário, tudo aquilo que impede que esse lugar se configure. Porque se trata de uma matriz, de um ambiente propício ou nefasto para a vida. Fazem parte desta matriz elementos que extrapolam a vida escolar, como sejam as condições sociais da educação. Mas, fundamentalmente, são elementos planificáveis: o equipamento escolar, a relação comunitária, a racionalidade institucional, o profissionalismo de seus integrantes, a administração dos tempos e dos recursos, os regulamentos, os processos de gestão, animação, formação profissional e participação.

¹ Educadora e pesquisadora pedagógica, argentina, contemporânea, especializada em temas de instituições educacionais.

Enfim, tudo aquilo que constitui o fundo de uma cultura escolar. É uma frente complexa que nos pode parecer ininteligível, mas que deve ser planejada.

Por outro lado, temos uma frente muito mais dinâmica e visível: o sentido da vida oferecido pela instituição, **seu programa escolar**, ou sua proposta curricular. Uma escola determina um certo tipo de proposta escolar porque acredita que ela tem sentido. No fundo, o que ela quer dizer, é que se pode viver humanamente, aprendendo aquilo que ela propõe. Uma escola com projeto de inspiração cristã tenciona dizer algo mais: procura descobrir uma dimensão cristã nesses mesmos conhecimentos, procura pôr em diálogo os conteúdos de todas as disciplinas com os do Evangelho. Procura educar para a contemplação, iniciar na vida cristã. Como refere o Pe. Alberto Parra ², ou a solicitude pastoral escolar permeia todo o programa escolar, ou ela não existe.

Mas, a consciência dessa dimensão cristã das disciplinas igualmente exige a existência de uma forma de catequese, alguns **espaços de explicitação do Evangelho**. Alguns obrigatórios, outros facultativos. Certos deles deverão ser permanentes, outros farão sua aparição em certos momentos significativos.

Finalmente, uma série de elementos perpassam todo o programa. Estes **temas transversais e partes do currículo** são o quadro ético do projeto educativo evangelizador. Pode ser um lema anual trabalhado de muitas maneiras; podem ser alguns conteúdos especiais que são tratados por todos; pode ser um tempo do ano em que todos se concentram em algo específico. Em algum momento tem que haver um espaço para tomar consciência da unidade da vida escolar, porque o projeto é global: a síntese fé/vida/cultura.

E esta síntese pode expressar-se em **cinco competências** que todas as frentes buscam desenvolver. O Informe DELORS ³ nos acostumou a pensar na escola como um espaço em que se aprende a conhecer, a fazer, a ser e a viver juntos. Isto também significa que a escola forma competências científicas, competências tecnológicas, competências éticas e competências de comunicação. Mas, a par disso tudo, a escola de inspiração cristã deve formar para a sabedoria, formar competências de discernimento.

Questionário para reflexão pessoal ou em grupos

- *Qual é o tipo de questão pastoral que costumamos fazer? Temos nós experiência de imaginar as duas posições?*
- *O que pensamos nós do objetivo da escola cristã? É ela única ou pluralista?*
- *Em que sentido é essa a tarefa da pastoral educativa? Que conseqüências tem isto em minha/nossa tarefa?*
- *Que pensamos nós dos dois processos da vida escolar? Como intervimos neles?*
- *E as opções da escola cristã? São estas as opções? São elas as nossas?*
- *As frentes da pastoral educativa, são elas iguais em importância? Como se relacionam entre si?*
- *Como as competências a formar em vista da pastoral educativa transversam elas toda a tarefa, os processos, as opções e as frentes da pastoral educativa?*

² Teólogo jesuíta colombiano, de ampla gravitação no pensamento teológico latino-americano, a partir da esfera da teologia da libertação.

³ Informe da UNESCO, *A educação encerra um tesouro*. Santillana. UNESCO. Madrid. 1996.

UM HORIZONTE PARA A PASTORAL EDUCATIVA

*“Quando conseguirmos entender
que é nos relacionamentos que se encontra a ciência,
haveremos de descobrir um novo alvorecer
de um mundo diferente:
as pessoas, sua transparência, sua participação.
É exatamente isto o que educa,
e não os conteúdos dos programas”.*
Irmão Pedro Maria Gil Larrañaga

Há quem diz que as instituições católicas são especialistas na criação de ideários que, logo depois, muito dificilmente, são postos em prática. Possivelmente este capítulo peque por esse mesmo teor. De qualquer maneira, queremos dar conta de um primeiro passo que é preciso dar, se quisermos propiciar processos de mudança nas instituições.

Muitas vezes enfatizamos unilateralmente os processos que construtivamente vão de baixo para cima. Contudo, prestem atenção: sem participação, sem a concordância das pessoas ou sem revisões conjuntas, nenhuma renovação é possível. O planejamento educativo/ pastoral/ institucional, que é um processo participativo, sempre será a resposta apropriada para a concretização do processo de mudança, entendido como um processo de diálogo. Todavia, este não é o único elemento necessário.

*Bernard Lonergan*⁴ seguindo a tradição de *John Dewey*, identificou dois processos educativos. Há processos que partem da base para o cimo, processos de construção que iniciam com as práticas e culminam com as teorias. Mas há também maneiras de proceder que partem do cimo e concluem na base. Os primeiros trazem à tona as elaborações, e os segundos as alterações. O processo descendente consiste em conjuntamente acatarmos as mesmas idéias e amarmos a missão cumprida por todos juntos. É o amor que nos levará a optar juntos por um projeto válido, a modificar nossas maneiras de julgar a realidade, a mudar nossa compreensão das coisas e a adaptar nossa prática a elas.

Ambos os processos são necessários: elaborar e alterar; alterar e elaborar. São processos que nós criamos, sempre conscientes da tensão existente entre a vontade institucional e as liberdades individuais. Não há textos nem dispositivos institucionais que hão de garantir a mudança. Mas, a mudança sem mediações institucionalizadas dificilmente há de acontecer.

Jesus Cristo, Chave da Escola Cristã

A escola é uma instituição, isto é, um complexo público, social, estabelecido para salvarguardar a comunicação da cultura. É por isso que a escola é um espaço de encontro fecundo e criativo entre as gerações, na área da aprendizagem: aprender a saber, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver em sociedade.

A escola com um projeto de inspiração cristã é aquela cuja organização assimila racionalmente a pessoa de Jesus Cristo, Deus e homem. Num projeto de inspiração cristã, Jesus Cristo é a chave, o meio de acesso, que permite a ressignificação dos conhecimentos, a reorientação

⁴ 1904-1984. Filósofo e teólogo canadense cujo itinerário de vida conduziu à implementação de uma epistemologia e uma metodologia que se revelaram muito fecundas para nós nos domínios da pedagogia e das pastorais.

das atividades e o descortino de um horizonte de esperança transcendental. Numa escola com projeto de inspiração cristã, todos os conhecimentos se integralizam na sabedoria cristã, que é a capacidade de discernir a partir dos pobres.

Numa escola assim, fé e cultura, fé e vida se encontram unidas de maneira análoga à do Filho de Deus com a humanidade no mistério da Encarnação. Como humanidade e divindade em Jesus Cristo, sem mudança, isto é, sem uma se tornar a outra, sem confusão, sem uma ser absorvida na outra, sem separação, sem que possam ser concebidas como parciais, sem divisão, sem conflito entre si. – Entre cultura e fé, vida e fé, há uma relação de descontinuidade e interrupção, mas ao mesmo tempo de consumação e plenitude. Há uma totalidade descontínua, de diferença em comunhão, de colaboração. É isto que constitui o núcleo daquilo que denominamos pastoral educativa. Na escola com projeto de inspiração cristã existe, pois, uma única tarefa e cumprir: a síntese fé/cultura/vida, desenvolvida mediante os múltiplos processos pedagógico-pastorais. Pensar a escola desta maneira é:

- Compreendê-la como uma realidade espiritual: É um espaço em que homens e mulheres, crianças, adolescente e adultos podem fazer uma autêntica experiência do Espírito que é, ao mesmo tempo, a experiência da auto-transcendência religiosa, cognitiva e ética;
- falar da educação em termos de iniciação. Porque a escola se compreende a si mesma como uma comunidade eclesial: comunidade de comunidades, ela é o lugar de encarnação do Evangelho na cultura que dialoga com qualquer cultura, seja ela popular, infantil, adolescente e juvenil;
- pensá-la intersetorialmente, colaborando com outras instituições e com homens e mulheres que estão em buscas semelhantes, mesmo que sejam de inspirações distintas.

A Relação Pedagógica no Centro da Escola

A escola, extensão ideal para o diálogo entre as gerações em torno dos conhecimentos, se constitui num espaço de relacionamentos. O relacionamento entre os agentes pedagógicos é na realidade a contextura fundamental da vida escolar. Esse relacionamento pedagógico tem um caráter institucional: brotou da necessidade que a sociedade tem de um espaço consciente para o amadurecimento e a socialização. Este vínculo institucionalizado entre as gerações cria o sentimento de pertença, a consciência do “nós” social. O relacionamento, hoje, é o conceito social de redenção, assim como o conceito da razão o foi na modernidade.

Este relacionamento pedagógico é sumamente rico e complexo. Professor e aluno nele estão implicados como pessoas, e isto é o que lhes confere a identidade. Os conhecimentos e a transformação dos conflitos sociais, é que convocam para esse relacionamento. Nele se estabelece conjuntamente um relacionamento entre as pessoas, entre épocas, entre grupos humanos e sociais, entre interesses políticos e econômicos, entre os mistérios ou cultos.

Numa escola de inspiração cristã este mesmo relacionamento é o lugar religioso por excelência. O conteúdo deste relacionamento ao mesmo tempo afeta a aprendizagem e seus objetos de conhecimento, juntamente com as opções e a escala de valores para o discernimento, com os métodos e com as tentativas de transformação das pessoas incluídas nos relacionamentos, com as elaborações culturais e os conflitos sociais no seio dos quais se fazem as elaborações.

A finalidade dos relacionamentos é a transformação das pessoas para a transformação social. As pessoas se transformam pela solução dos múltiplos conflitos que entremeiam este relacionamento: conflitos cognitivos, relacionais, religiosos, valorativos, sociais, afetivos... Pensar a relação como um encadeamento de conflitos implica pensá-la como um espaço de autotransformação e autoconsciência, de inter-transformação e inter-conscientização em que todos os atores saem transformados pela solução metódica e consciente dos conflitos.

Entender o centro da vida escolar como um relacionamento coloca a constituição das comunidades no centro das atenções da tarefa de presidir e de animar a vida escolar. É a comunidade da aprendizagem, das aulas ministradas, dos setores das disciplinas afins, das equipes docentes... É ela a organizadora do dia-a-dia da escola. E é no seio desta comunidade de aprendizagem que pode acontecer a descoberta de Deus e do seu mistério em Jesus Cristo. Essa comunidade do aprender é a Igreja que se está formando.

Esse relacionamento pedagógico, centro da vida escolar, é a alternativa que as comunidades de adultos propõem para reelaborar a própria vida social e a dos alunos, seus próprios conflitos econômicos, políticos, sociais e simbólicos. Aprender significa pôr-se em relação com a vida social e seus conflitos. De acordo com o Evangelho, não é possível aprender sem partir do pobre. O relacionamento pedagógico assim se transforma, tendo em mente os conflitos sociais e suas dimensões cristãs. É uma profecia de uma vida melhor em que os conflitos vêm a ser coisas do passado.

A Aula como Espaço de Relacionamentos

Damos o nome de “aula” a qualquer atividade de aprendizagem intencionalmente planejada. Denominamos como “espaço” todas as áreas humanas que, ao percorrê-las ou nelas habitando, nos dão identidade, permitem que nos encontremos face a face com os outros, e nos fazem participar numa história com progressivo crescimento da consciência. Na “aula”, vivencia-se o relacionamento entre a comunidade dos adultos e a comunidade dos jovens, constituídos em comunidades de aprendizagem.

A comunidade dos adultos inclui a equipe da direção, os professores, o pessoal dos serviços e os grupos familiares. No relacionamento pedagógico cada um desses grupos atua diferenciadamente numa comunhão de participação.

Essa comunidade chega à percepção de que é convocada por Deus para *instaurar uma convivência democrática*, em cujo seio todos os conflitos podem ser resolvidos, a partir da vinculação aos valores, superando os interesses de pessoas ou de grupos.

Essa vocação democrática da comunidade dos adultos leva à construção de aulas nas quais *todos podem sentir-se incluídos* com júbilo, criatividade e liberdade de investigação e pensamento.

Essa vocação democrática que congrega a comunidade dos adultos, a leva a criar classes *abertas ao contexto social e engajadas* numa práxis gradualmente transformadora, malgrado todos os contratempos, e devido a eles, e as adversidades das políticas escolares, sociais e econômicas. É por isto que a escola de inspiração cristã assume um compromisso pela educação na justiça e para a justiça como construção de uma sociedade diferente.

Essa vocação democrática inclusiva e transformadora da comunidade dos adultos leva-a a compreender *a autoridade como um serviço* prestado à unidade em torno da missão educativa e evangelizadora, buscando a participação em vista da construção do projeto, para a tomada de decisões, a compreensão teórica, os critérios de organização, a tarefa curricular.

Essa vocação democrática constitutiva, transformadora e participativa, não consiste em dissimular diferenças, mas em *estimular para o diálogo entre as diferenças*, em meio à diversidade no único projeto pastoral educativo. A transformação das pessoas e dos grupos, a conversão da própria instituição à sua inspiração cristã, está no centro da noção de construção vital do projeto educativo.

Essa vocação democrática, inclusiva, transformadora, participativa e aberta ao diálogo, incita os adultos da comunidade a experienciarem *sua vida cultural como um lugar de encontro com Deus*. Deus, fundamento do propósito de todos os ensinamentos, matriz da capacidade criativa e de tudo o que é verdadeiro, bom e belo, pode ser alcançado no empenho para aprender, que está no centro dos relacionamentos educativos. Esta vida cultural escolar é também a estrutura dos relacionamentos das pessoas com suas próprias vinculações conflitantes com os conhecimentos. O relacionamento educativo é marcado por esse esforço pela sabedoria. A partir desse relacionamento das pessoas com os conhecimentos é que a escola compreende sua vida de oração, de celebração e de sentido sacramental. Isto significa que é preciso descobrir o mesmo relacionamento que os conteúdos religiosos têm. Por isso, a relação pedagógica é uma relação pastoral e uma atividade pastoral. Por conseguinte, a escola com projeto de inspiração cristã, entende que é preciso haver espaços curriculares nos quais o conteúdo religioso da relação possa ter uma explicitação cristã.

A “aula”, atividade letiva, espaço dos relacionamentos, é o lugar de avaliação: avaliação dos processos, da maneira de agir, dos bons resultados obtidos, dos fracassos, das decepções. Como se deseja que a avaliação parta de um posto de autoridade, a comunidade dos adultos indica claramente quais são os valores em jogo no relacionamento pedagógico, e em que sentido se espera que serão vivenciados por todos os participantes. A autoridade é o meio para atingir os objetivos que a comunidade dos adultos recebeu da Igreja hierárquica ou carismática, e das famílias. A autoridade está a serviço das crianças, dos adolescentes e dos jovens. Na animação comunitária, incumbência da direção e da administração, se procurará atualizar todas as potencialidades das pessoas e dos grupos que constituem a grande comunidade da obra educativa.

Por sua vez, a comunidade das crianças, dos adolescentes e dos jovens, é o pólo determinante da relação pedagógica. A presença deles, suas buscas, expectativas, aspirações, e sua posição social como alunos, qualificam a escola como tal. A comunidade das crianças, dos adolescentes e dos jovens traz às salas de aula e aos relacionamentos pedagógicos uma enorme bagagem de sapiência: eles sabem como aprender, como agir, como ser, e como conviver. Eles participam da cultura infantil e da juvenil próprias de suas idades. Estes aspectos do aprender são o ponto de partida e o lugar de trabalho por sua importância no diálogo – sempre conflitante – com a cultura da comunidade adulta. Esse conhecimento e as vidas daqueles que os formaram são uma preparação evangélica para o anúncio do Mistério que a comunidade dos adultos faz a partir de sua própria vida eclesial. Cada criança, cada adolescente, cada jovem deve ser conhecido pessoalmente para que a comunidade de adultos se possa pôr a serviço de suas necessidades profundas, da maneira que seja a mais proveitosa para cada um. Isto, sobretudo, no caso de alunos com necessidades especiais. Deste modo, a escola com projeto de inspiração cristã se preocupa com a organização de atividades diversificadas capazes de atender aos interesses e necessidades de

todos. Assim, os adultos da comunidade poderão ser irmãos maiores dos alunos que as famílias lhes confiam.

O Professor, Agente-chave para a Transformação Institucional

O relacionamento educativo não é mera função. A comunidade da escola com projeto de inspiração cristã não é uma simples organização. A relação educativa, desde a perspectiva cristã, é um ministério, um serviço eclesial, estável e comunitário. Este é o nome da relação educativa considerada em Jesus Cristo, Servo dos homens e de Deus.

É no âmago de seu relacionamento educativo onde o professor é chamado a encontrar o Deus alma do mundo, companheiro da vida, matriz transcendente de toda cultura. É a conceituação de sua própria vida, seu saber aprender, seu saber fazer, seu saber ser e saber conviver, tudo quanto faz parte de sua narrativa pessoal da cultura que, como mediador, o professor apresenta à comunidade estudantil, no meio da qual se realiza sua tarefa educativa. É sua busca tateante da vida e cultura que o orientará a prosseguir no caminho da fé traçado entre o já realizado e o da esperança. É sua própria síntese fé/cultura/vida, sempre a caminho e sempre fruto da graça, o que o torna sinal do Reino no meio da comunidade de adultos a que pertence.

Todavia, o professor como agente da mudança institucional é sempre um sujeito social de transformação. Um elemento importante da pastoral docente, que coincide com a tarefa da orientação, é a criação desta subjetividade social da comunidade adulta da escola. A constituição das comunidades de fé como comunidades de pesquisa científica, pedagógica e pastoral, e como meios de participação democrática, vai nesta linha. Esse sujeito social, transformador da escola e da sociedade sempre vive a tensão do sentido do realizado e da esperança, do realizado e do desejado, do compreendido e do ignorado, da fidelidade cumprida e da abertura ao futuro.

Questionário para reflexão pessoal ou em grupos

- *O quê entendemos nós por discernimento do ponto de vista do pobre? É isto possível em nossa obra educativa? em nossa comunidade de Irmãos? Que condições de possibilidade exige isto?*
- *Acreditamos nós na necessidade de suscitar a questão religiosa entre alunos e professores?*
- *Como entendemos nós o relacionamento pedagógico?*
- *Como entendemos nós a instrução e nosso emprego?*
- *Como é avaliada nossa obra educativa do ponto de vista de sua vocação democrática, assimiladora, transformadora, participativa, e em diálogo enquanto comunidade?*

PARA QUE A PASTORAL EDUCATIVA SE CONCRETIZE ELA DEVERÁ SER INSERIDA NO CURRÍCULO

*“Uma educação concentrada na sabedoria,
focalizada na humanidade,
dirigida para o desenvolvimento das
pessoas na capacidade de pensar certo
e usufruir a verdade e a beleza,
é uma educação para a liberdade,
uma educação libertadora”.*

Jacques Maritain

O propósito de instituir uma pastoral educativa, é passar de um modelo de pastoral constituído de eventos religiosos celebrados na escola, para um modelo de pastoral que considere a totalidade da atividade escolar como mediação metodológica da inculturação do Evangelho. É isto que dizem os bispos latino-americanos, no Documento de Santo Domingo (271). Esta é uma forma teológica de dizer que a oferta curricular de uma instituição educativa é a oferta de vida que a escola tenciona propiciar àqueles que nela decidem inscrever-se.

Quando falamos em pastoral estamos falando da práxis da comunidade eclesial, que, seguindo a práxis de Jesus, procura colaborar na chegada do Reino de Deus na sociedade, pela implantação de comunidades eclesiais. A contribuição que as escolas, mentalizadas como instituições pastorais, tem um perfil muito específico. O que nos interessa neste capítulo é pensar em que medida a prática escolar e os conteúdos dos currículos podem contribuir para a vinda e a desejada atuação do Reino de Deus.

Um Programa Eclético

Na situação atual, os conteúdos escolares “religiosos” são justapostos a todas as outras partes dos currículos. Limitados aos horários de Catecismo ou Ensino Religioso, ou de outra matéria que lhes faça as vezes, somente entram em relação com os demais conteúdos, quando surge alguma contradição. Em caso contrário, normalmente, convivem tão pacificamente (ou na mesma indiferença!) como a Química com a Literatura Inglesa.

Num outro capítulo aludiremos à síntese fé/ciência/cultura/vida, como à primordial e única incumbência da escola. Mas, na maioria dos casos, esta é uma incumbência que cada diretor, cada professor (e cada aluno) terá que decidir por sua própria conta e à sua maneira. A urgência da contribuição cristã na mudança no âmbito da formação de base do professor e da formação para o exercício do magistério, deveria poder ser centralizada neste ponto e colaborar para isto.

A dificuldade de professores e alunos efetivarem exitosamente essa síntese, acarreta duas questões que merecem reflexão. Por um lado, a apresentação dos projetos de programas ecléticos. Por outro lado, a insignificância da compreensão tradicional da religião cristã nas sociedades secularizadas como as nossas, e as limitações que a iniciação catequética tem tido e continua tendo. Soma-se ainda a isto, a “naturalização” que fizemos dos conteúdos escolares, como se acreditássemos que os conteúdos permanecem fixos, existentes fora dos processos históricos e políticos que os formaram e teriam congelado no lugar onde agora se encontram.

Rumo a um Programa-elo da Inculturação Evangélica

Recordando o que já foi dito, vamos agora dar uma olhada retrospectiva mais minuciosa: o traço especificador da escola é sua linha educativa, sua aspiração, que se concretiza no processo exitoso da transmissão dos conteúdos curriculares. A marca distintiva de uma equipe de professores é seu conhecimento, seu ensino e sua cultura. Aquilo que todos os que se matriculam numa escola buscam, também a católica, é o saber, a instrução sólida. Assim, se uma escola quiser instituir uma proposição pastoral, esta deverá partir dos aprendizados, dos conhecimentos que transmite; esse sistema pastoral deverá partir forçosamente dos tópicos lecionados. Se o empenho pastoral não residir na feição acadêmica da escola, se não for baseado nas disciplinas lecionadas, então simplesmente não existirá. A justaposição do religioso/catequético/litúrgico (quando não for simplesmente o aparecimento súbito ou a interrupção do que habitualmente se faz, para que nada se modifique depois) não é caminho válido rumo à síntese fé/cultura/vida.

Como caminho válido para a instauração deste tipo de pastoral, propomos uma reflexão crítica das ciências, juntamente com a consideração atenta do que poderíamos denominar de diálogo entre a iniciação científica e as questões da fé.

Conhecimento e Interesses

Primeiramente, convidamo-los a recordar a reflexão da teoria crítica sobre o vínculo necessário entre ciência e interesses, entre conhecimento e interesses (concernências). Seguiremos o estudo clássico de *Jürgen Habermas*:⁵ *Conhecimento e interesses*. Para ele, são três os interesses que configuram as ciências atuais: o interesse técnico ou de adaptação, que tem que ver com as ciências da natureza; o interesse prático ou comunicativo, que tem que ver com os relacionamentos humanos e está na origem das ciências humanas; o interesse de emancipação ou crítico, que procura orientar os outros dois interesses para a permanente libertação da humanidade de suas escravidões e temores, e que está na origem das ciências sociais e políticas.

Uma compreensão errada das coisas, com frequência, nos levou a privilegiar as características específicas da natureza humana no diálogo com a fé. Mas, o interesse técnico não deve ser considerado como um interesse não pertencente à condição humana. É a consideração preconceituosa da racionalidade técnica que poderia levar-nos a uma tal parcialidade. Seria como deter-nos apenas em um pólo da dialética da modernidade. E, ao pensar criticamente, trata-se de poder situar-nos num ponto de vista que nos permita compreender a modernidade – e o capitalismo que está na base dele – simultaneamente, como o melhor e o pior que poderia acontecer à humanidade.

No próprio compromisso técnico, na preocupação pela natureza e na mestria de adaptá-la reside a possibilidade de transcender um compromisso ético e religioso. Existe uma responsabilidade ética indissociável da verdade científica. A maneira de ver de *Habermas* e de toda a teoria crítica reside justificadamente na resposta ao pressuposto objetivismo ético positivista. Verdade e justiça somente são dissociadas pelos preconceitos do método científico e das práticas positivistas. Nem todo o possível é verdadeiro. É verdadeiro somente aquilo que enaltece a vida da humanidade, de cada homem e de cada mulher, de toda a humanidade, de todas as pessoas vivas hoje e que viverão no futuro.

⁵ Filósofo alemão, contemporâneo, da escola de Frankfurt.

Poder-se-ia dizer o mesmo acerca das preocupações pelas problemas sociais, as comunicações, os esportes, as artes e a política. Sem vinculação desses interesses com o interesse da libertação, tudo se pode transformar em questões ideológicas e de pouca importância. O educador cristão crítico é um educador político, ou não é um cristão.

O Conhecimento na Escola

Na escola, a proposição significativa que constitui a tela curricular de conhecimento é essencialmente constituída de três elementos: o científico, o artístico e o ético. Estes três elementos relacionam-se com interesses previamente explicitados. São transposições pedagógicas nascidas dos mesmos interesses, das mesmas preocupações, mas enquadradas nos processos históricos que deram origem ao currículo.

O elemento religioso subjaz nesses mesmos interesses, quando a pessoa ou o grupo podem lançar um olhar panorâmico sobre outros tipos de experiência. Para *Bernard Lonergan* o fluxo da consciência é o sujeito com seu interesse que constrói um horizonte que seleciona seu mundo. Nesse fluxo, os interesses variam de acordo com a estrutura de experiência em que o sujeito vive. *Lonergan* distingue a estrutura ordinária de experiência do modelo intelectual de experiência. É a mudança de interesse que provoca a mudança de fórmula. A passagem de um padrão para outro, de um horizonte a outro, de um interesse a outro, se dá devido à aparição, na experiência, de um interesse intelectual para satisfazer a curiosidade ocasionada que certos fenômenos provocam persistentemente na consciência do sujeito.

As ciências são estruturações que permitem ordenar a vida dos sujeitos com o objetivo de favorecer o tipo intelectual de experiência de maneira permanente. A educação científica será então uma atividade que procura inserir no modelo ordinário da experiência, a pergunta para a compreensão. A ciência se preocupa com o mundo comum através do estabelecimento de juízos válidos para todos, pelas relações de objetos entre si.

As artes, por sua vez, são objetivações de um tipo puramente experimental, isto é, aquilo que você vê é experimentado enquanto visto, o que ouve enquanto ouvido. Essa objetivação desperta sentimentos que operam uma certa compreensão diferente da compreensão científica, compreensão do misterioso, do fascinante, do sublime. Existe na arte um significado que igualmente nos conduz a um mundo comum, que é geral e não privado. Porque a arte não é uma simples espontaneidade, mas uma objetivação de alguma coisa captada como importante pelo homem. A objetivação artística se realiza de um modo tal que convida a participar de seu sentido de maneira imediata. As criações artísticas (pictóricas, musicais, esculturais, arquitetônicas, poéticas, narrativas, dramáticas, cinematográficas...) nos introduzem no mundo da potencialidade humana. A educação artística nos faz passar do mundo privado ao mundo de todos, pela reflexão sobre os fatos artísticos.

Afora o modelo intelectual da experiência, existe um tipo prático de experiência. Se o modelo intelectual da experiência nos punha em relação com a verdade universal e irrestrita da verdade, o modelo prático nos traz de volta ao concreto das decisões precisas: o quê é preciso fazer hoje, aqui, eu, nestas circunstâncias. É o modelo da atuação ética. Mas esse modelo prático pode abrir a um horizonte para além desta situação concreta, quando fazemos uma reflexão ética que busca chegar a uma regra normativa e não somente a uma decisão concreta.

A passagem do modelo ordinário de experiência para o modo intelectual de experiência é a passagem de um mundo de interesses privados para o mundo de interesses comuns. A passagem de um para o outro é sempre um acontecimento de liberdade. É uma reorganização do sujeito que implica uma conversão (intelectual ou moral, conforme o horizonte) que é uma reorganização total do sujeito. Educar, sempre é buscar a ampliação dos horizontes do sujeito, e propiciar a constituição desses novos interesses como torrentes mais permanentes.

Mas, existe uma última expansão do interesse humano, uma abertura religiosa da experiência, um horizonte religioso. Dá-se quando descobrimos que o desejo de conhecer (modelo intelectual) ou o desejo de obrar bem (modelo prático) se descerram ao incondicionado. Correspondem ao desejo do amor de Deus, de um amor irrestrito.

Conhecimento e a Indagação Religiosa

No próprio compromisso técnico há uma possibilidade de um encontro com Deus, a Vida do Mundo. Para quem está aberto ao amor de Deus, o mundo natural é uma transparência de Deus. O educador cristão crítico é um educador místico, ou não é cristão. No compromisso pelas ciências humanas ou as hermenêuticas, no compromisso científico ou pelo interesse comunicativo, existe a possibilidade de abertura ao compromisso ético e ao religioso. A filosofia, a história, os esportes, a música ou a pintura são atividades nas quais o compromisso pela compreensão pode abrir-se à maneira de agir com retidão e, por esse mesmo fato, encontrar Deus, Vida de toda Comunicação, de toda justiça: o próprio Deus é comunicação. No desenvolvimento das ciências sociais, tanto o compromisso ético como o religioso, são tão possíveis como o compromisso pelos outros interesses, ainda que sempre pareça mais direto.

A mudança de horizontes ou de padrões de experiência é uma mudança de interesses, de preocupação. Trata-se de abrir a preocupação a uma configuração superior. Isto é sempre um acontecimento livre, dialético, em cuja base está o anseio que nos constitui como sujeitos. A passagem de um padrão religioso da experiência tem a ver com esse anseio, com a esperança e com sua expressão, que é a interrogação.

A indagação religiosa pode apresentar variadas feições: Uma é a indagação sobre o universo, sua inteligibilidade e sua fundamentação; outra, a indagação da incondicionalidade moral e sua relação com as opções concretas; uma terceira é a indagação sobre a origem e o futuro do mundo e do nosso futuro; um tipo diferente de interrogação é a do sentido da vida; e ainda uma outra sobre os limites habituais da existência. Estas indagações, para serem formuladas, acolhidas e respondidas, necessitam de uma iniciação, porque um dos efeitos da cultura positivista na educação, junto com a fragmentação e a especialização, tomou a forma de ocultação destas interrogações.

Com muita frequência, a oposição à indagação religiosa como o desejo irrestrito de conhecer se tem desenvolvido, ao mesmo tempo, como uma exaltação do sentimento como componente religioso fundamental. Mas a indagação religiosa não é um sentimento, nem uma conceituação, nem um juízo. A indagação, em si mesma, surge do anseio irrestrito de conhecer. Mas, este é um anseio que necessita de uma iniciação para não se frear ante determinadas respostas intermediárias. Da sensibilidade para a inteligência; da inteligência à reflexão; da reflexão à deliberação; da deliberação à ação, existe um processo de auto-transcendência cognitiva e moral que necessita de iniciação. E essa auto-transcendência culmina no estar apaixonado que se abre a partir do amor de intimidade ao amor social e ao amor religioso. E quando este estado de amor

ardente se estruturar como algo permanente nas pessoas, toda a atividade do sujeito se ressentirá dos efeitos.

Este estado dinâmico e consciente de estar apaixonado é a vida do Espírito derramado nos corações dos fiéis crentes. A partir dali experienciamos, compreendemos, julgamos e decidimos de maneira radicalmente nova. Vivemos com novas maneiras de ver, novos olhares que se interessam por quanto se refere a Deus, às coisas de Deus; procuramos em tudo agradar a Deus; compreendemos a vida como um dom que vem de Deus. É aquilo que denominamos de espírito de fé, que é o espírito do cristianismo. “A fé é um conhecimento nascido do amor religioso” (*Loneragan*). É um conhecimento que abarca com profundidade algo mais valioso que a vida, a sociedade, a cultura e as pessoas. É a suprema auto-transcendência do sujeito. Aqui a interrogação religiosa se muda em decisão que implica responsabilidade: Eu responderei ao Amor com amor!

A fé nos leva a descobrir o mundo como originado por Deus. Faz-nos ver o mundo como surgido de um Amor Originário. O mundo é compreendido como o fruto da auto-transcendência cognitiva e ética divina; poder-se-ia dizer: a expressão de sua verdade e de seu amor. O mundo é a glória de Deus. Este mundo, nosso mundo concreto com suas contradições, o mundo que sempre é o mundo do homem, porque foi criado por nós, para nós. “A excelência da humanidade é a glória de Deus” (*Loneragan*). Por isso, o olhar da fé é sempre dialético: envolve numa única visão o processo de criação e de cura; de graça, pecado e redenção.⁶

Este desenvolvimento religioso que é a fé e as indagações que vão com ela, este alargamento do horizonte, sempre tem um caráter dialético crucial. Nunca é uma chegada ao destino final. Estará sempre navegando sem nunca chegar à praia. Será sempre o júbilo do encontro e da decisão autenticamente responsável. Ademais, sempre consistirá coincidentemente, numa inautenticidade redescoberta, há pouco contestada e novamente aprovada, juntamente com a posse provisória da verdade e do bem.

A experiência religiosa (assim como toda experiência da vida humana) é mediada pela significação e o valor. A forma histórica desta mediação é a Palavra em todas as suas formas e atualizações. Mas a Palavra é sempre comunicação segunda, é fruto da auto-transcendência de um povo a partir de sua experiência rumo à sua religiosidade. A primeira comunicação de Deus é seu amor derramado historicamente em nós: o amor é uma experiência não mediada.⁷

Reformulando o Currículo: Conhecimento, Interesse e Indagação Religiosa

Apresentaremos, agora, uma proposta de Reformulação do Currículo, partindo de uma tríplice articulação:

De um lado, trata-se de superar a fragmentação, a partir de uma decisão política. Trata-se de questionar a racionalidade das ciências e das artes conectando os interesses de adaptação, comunicação e libertação. Isto não é impossível, mas exige um longo encaminhamento de discussões entre os professores. Poder-se-á iniciar com uma reflexão sobre as seleções concretas do programa que a escola propõe no seu projeto de currículo institucional e das que os professores propõem nos seus próprios planos de aulas. Na reflexão deverá ser buscada a compreensão histórica dos conteúdos que a instituição oferece. Por um lado, pensar a história dos conteúdos levará a descobrir quando e por quê foram formuladas as teorias e as práticas que serão ensinadas, a

⁶ Este parágrafo foi omitido nas traduções para as línguas francesa e inglesa.

⁷ Este parágrafo também foi omitido nas traduções para as línguas francesa e inglesa.

quê tencionam responder, quais problemas procurarão solucionar, em que medida terão interesse de libertação formulado em seu desenvolvimento. Por outro lado, localizar hoje os problemas relativos a essas teorias e essas práticas, contribuirá para reintroduzir as elaborações científicas em situações mais significativas para os professores e para os alunos.

Por outro lado, é questão de ultrapassar os limites que nos impomos (e que impomos aos alunos) em nossa vontade de conhecer. Esta também não é uma tarefa simples, mas é possível. Trata-se de realimentar nosso desejo de auto-transcender, de alimentar nosso desejo de indagar acerca das fundamentações de nossa experiência, de nossa compreensão inteligente, de nosso agir racional. Trata-se de nos tornarmos capazes de encontrar no âmago dos nossos interesses o Rosto de Deus, de pôr o nome de Deus na base, de encontrar o Amor como Origem de tudo o que temos todos os dias, e de nos apaixonarmos por esse Amor, ou melhor, de nos deixarmos amar por Ele.

Somente se todos os professores se associarem em equipes que poderemos constituir comunidades de investigação e de fé, e nos pormos a refletir sobre aquilo que devemos vivenciar e ensinar. Nesta condição haverá possibilidade para acompanhar os alunos na formulação de suas próprias indagações sobre a ciência, a arte, o compromisso ético e sobre a fé. Só então teremos alguma coisa para propor.

Questionário para reflexão pessoal ou em grupos

- *Estão vocês de acordo quanto a esse conceito de atividade escolar?*
- *Em suas comunidades educativas, como é pensada essa articulação de conteúdos? Tem ela alguma relação com a reflexão aqui exposta?*
- *O quê pensam vocês sobre a reflexão crítica das ciências e a possibilidade do diálogo entre as aprendizagens científicas e as indagações da fé?*
- *De que modo a preocupação pela comunicação, a adaptação e a libertação se faz presente nas disciplinas que vocês ministram?*
- *“O educador cristão crítico é um educador político e místico; se não for isto, não é cristão”. O quê vocês acham desta asserção? Que formação se torna necessária para isto? Que possibilidades existem para vocês trabalharem em suas comunidades neste sentido?*

A PASTORAL EDUCATIVA: HERMENÊUTICA RELIGIOSA DO PROFESSOR

*“Como desde a minha infância (...) sempre tenho sentido prazer em escrutar a Natureza, posso asseverar agora que não o faço como “cientista” mas como “fã”.
Tenho a impressão de que, sejam quais forem meus esforços, mesmo com referência a qualquer objeto puramente natural, sempre terá que ser um esforço religioso e substancialmente único”.*
Pierre Teilhard de Chardin

Partimos sempre da mesma convicção: a pastoral educacional não consiste em justapor atividades religiosas que irrompam ocasionalmente nas atividades da faina cotidiana do ensino. Pelo contrário, ela consiste em abrir a cultura escolar à sua raiz religiosa, a partir de nossa fé na encarnação de Deus em nossa história.

No capítulo anterior propusemos um procedimento para superar a maneira como as escolas católicas têm praticado a pastoral, e sobrepujar a fragmentação a que a cultura positivista submeteu nossa vida, e assim transcender os limites cognitivos que ela nos impôs. O procedimento tem algo a ver com a história dos conteúdos escolares e com a localização das situações problemáticas que propomos, entendendo a ambas como uma opção política que conecta o interesse de libertação com os interesses adaptativo e comunicativo, de maneira dialética. É questão de um roteiro que visa pôr em prática aquilo que em outros capítulos denominamos de pedagogia do discernimento, a partir da situação do pobre.

Evidenciamos também a necessária constituição de grupos/comunidades de investigação e de fé para a reflexão sobre esses conteúdos.

Estas afirmações assentam sobre algumas convicções. Primeiramente, a certeza de que as formas culturais podem transformar-se em expressões religiosas. Tudo quanto é autenticamente humano pode abrir-se a uma preocupação suprema, um absoluto, à sua verdadeira raiz, que chamamos Deus. Porque é dEle que nasce toda a criação artística, toda a investigação científica, e toda ação moral ou política. A incumbência do educador cristão se arraiga no despertar a consciência dessa raiz. Repetimos: o educador cristão crítico será um místico, ou não existirá.

Esta é a razão pela qual insistimos que a opção pelos conteúdos, o trabalho da organização dos planos de aula de um professor para o seu projeto escolar é, em si mesmo, uma tarefa de interpretação religiosa. O convite para uma opção política e mística implica o conectar os interesses de libertação, de comunicação e de adaptação. E, ao mesmo tempo, abre para as questões compreendidas nas disciplinas escolares até a raiz última que é o próprio Deus, que transcende em Si o mundo como verdade, bondade e beleza. Realizar estas duas coisas ao optar pelos conteúdos não é uma tarefa mecânica. Pelo contrário, é uma tarefa que nos leva a questionar sobre nós mesmos e sobre nossa vida. Planejar é uma tarefa que tem algo a ver com a descoberta e a resposta (provisória) das questões fundamentais da vida humana (a nossa própria e a de todas as pessoas) assim como ela aparece nas disciplinas escolares e em nossa própria vida.

Se a cultura que as disciplinas escolares transpõem pedagogicamente for conectada com a busca de sentido da vida que a humanidade tem estado procurando continuamente através da

história, a incumbência dos educadores consistirá em encarnar num contexto específico os mesmos problemas e as mesmas buscas. É isto que a localização das situações problemáticas significa: Descobrir onde existem problemas similares àqueles que a história das disciplinas escolares nos mostram como estando solucionados. E isto significa ser capaz de pôr a cultura escolar a serviço do ambiente.

E fazer isto, insistimos, significa questionarmo-nos pessoalmente. O professor que procura compreender historicamente os conteúdos de sua disciplina de ensino, e relacioná-los com os problemas locais, se pergunta qual é o sentido que esses conteúdos têm, e pelo sentido geral da vida, em que essas perguntas e essas respostas têm alguma ancoragem. Se, ademais, essas perguntas forem aprofundadas até a derradeira raiz de seu sentido, será possível avançar na direção de uma resposta religiosa apropriada e coerente. Se o professor for cristão, poderá encontrar em sua tradição algumas respostas que hão de inspirar as suas próprias. Mas não poderá eximir-se de dar uma resposta pessoal.

A Historização das Disciplinas de Ensino

No capítulo anterior afirmamos que historizar as disciplinas é questionar os conteúdos pela história (respostas encontradas numa determinada época, soluções havidas, soluções a serem ainda descortinadas, questões em aberto...) Mas, é igualmente possível pensar a história das disciplinas de estudo de outra maneira. É isto que tencionamos fazer mediante a exemplificação que sugerimos a seguir.

Nesta exemplificação, a totalidade das disciplinas escolares é considerada como tendo dois pólos: as ciências sociais, e a cristologia. Isto significa considerar o interesse de libertação tendo dois lados, como pólos para a programação geral. Consideremos que as ciências sociais (pelo menos a partir de algumas opções epistemológicas) tratem da historicidade: daquilo que o homem faz do homem, sobre reconstruções interpretativas e sobre construções culturais. No fundo, pôr em questão a historicidade das disciplinas de ensino exige uma mentalidade histórica por parte do professor. E, em nosso caso, esta é uma mentalidade histórica aberta ao Evangelho.

Propomos alguns critérios a ter em conta na fixação desses pólos. A historicidade das disciplinas escolares deve ter condições de suscitar a esperança, sugerir soluções e a ânsia de concretização do bem da comunidade. Pensar um pólo histórico-social que organize a seleção dos tópicos dos conteúdos diz respeito a um modo de pensar não-positivista, mas que tenha uma identificação com um sujeito particularizado: os oprimidos que lutam por sua libertação. Porque os oprimidos são o sujeito da história, e não a humanidade entendida como abstração. Eis porque a história não deve ser considerada como uma seqüência épica, mas como o campo da luta de projetos que mutuamente se excluem.

E, desde esse ponto de partida, podemos pensar num segundo critério para nossos pólos de disciplinas. Não se trata de uma relação ingênua e otimista que imaginasse a história como um dinamismo automático rumo ao melhor, no qual um ponto de vista de crença pudesse imaginar o Reino como uma proveniência do progresso. Não. Trata-se bem antes de uma relação complexa de aproximação do Reino na dialética histórica da Redenção, sempre completa como oferta de Deus, e incompleta como recebida por um ser humano livre. E a articulação dos pólos, que permitem o diálogo entre as disciplinas e os horários programados de explicitação do Evangelho, deve respeitar essa relação complexa entre a felicidade (a de todos os homens e a de cada pessoa) que constitui o pólo das disciplinas “de natureza profana” e o Reino Messiânico que constitui o

pólo dos horários de explicitação do Evangelho, sobretudo da catequese escolar. Essa dupla polarização aplica-se ao conjunto das disciplinas de ensino.

Não é qualquer questão histórica que serve de pólo no sentido que nós entendemos. Os pólos históricos que permitem pensar as disciplinas de ensino de maneira que possam abrir-se ao Evangelho, devem ser do tipo que permita aquilo que *Walter Benjamin* denomina de interrupção: que permita estabelecer os momentos em que as decisões são tomadas pelos sujeitos históricos em oposição, que permite ver numa determinada obra ou numa vida particular, as tensões dialéticas dominantes à obra numa época histórica.

A determinação do conjunto de todos os procedimentos e movimentações é uma atividade religiosa, como já dissemos. A troca de idéias do professor acerca dos conteúdos de sua disciplina de ensino é um assunto que merece consideração em sua própria oração. Planejar, selecionar os conteúdos, são tarefas que integram o colóquio do professor com Deus, na própria subjetividade de sua fé. E é assim que deve ser realizada no silêncio e na palavra, na solidão e em comunidade, com essa consciência de responsabilidade inspirada pela fé.

Vamos a um caso concreto

Servimo-nos de uma exemplificação: A opção pelos tópicos para a Língua e Literatura, para o terceiro ano do Ciclo de Especialização na Província de Córdoba, Argentina, no último ano do ensino médio. Suponhamos que um pólo histórico/cristológico tenha sido estabelecido por todos os professores para todas as disciplinas de ensino. O pólo cria um diálogo de correlação ao estilo da proposta de *Paul Tillich*⁸: os nomes religiosos são os nomes da cultura do tempo. O pólo é proposto como um par de questões em correlação. Isto pode ser feito, com certeza, de uma outra maneira. Mas, vamos tentar cumprir os critérios logo acima mencionados.

A formulação do pólo anual para a disciplina, uma dentre tantas possíveis, quer ter em conta a adequação do pólo proposto para todo o curso no caso específico da Língua e Literatura. A opção por cognominá-la “Literatura” exprime a intencionalidade de subornar os aspectos lingüísticos (comunicativos e de reflexão de sistema) aos literários. Indica também a adoção de uma posição teórica que procura compreender o fenômeno literário a partir e em relação com os contextos em que foram produzidos.

Em todo caso, “literatura” inclui diversos tipos de enunciados significativos, e não somente os classificados como literários. A escolha dos textos visa a enfatizar a historicidade da linguagem (e da literatura) localizando-a no cenário contemporâneo, e tornando-a mais específica.

Pólo anual geral para o 6º Ano

Uma nova organização mundial ou a mesma desorganização? - Existe um lugar nessa nova organização para a alternativa do Reino?

Pólo anual para Língua e Literatura

“Literatura é aquilo que os homens fazem dela; é aquilo que eles escolhem para escolher”. (Jean-Paul Sartre (*Qu’est-ce que la Littérature?*))

⁸ 1886-1965. Teólogo protestante alemão, com forte influência de Heidegger.

Lista de conteúdos “textos argumentativos”

Discurso de George Bush sobre a “greve de preempção”. Discursos “globalifóbicos” no mundo e na Argentina. Situações de comunicações orais formais. Relação entre intencionalidade e contexto. Análise da articulação entre linguagens icônicas e gestuais (políticas) na comunicação oral. Estratégias de compreensão. Estratégias de organização argumentativa. Argumentação escrita e comunicação oral. Coerência e coesão na argumentação. Plano de um discurso de argumentação. Exposição oral. Reconhecimento e utilização das características de oralidade no discurso argumentativo. Produção de comentários escritos aos textos argumentativos estudados e outros selecionados pelos alunos. O uso dos meios de comunicação social e os efeitos dos discursos argumentativos políticos gravados de antemão. Usos políticos da intertextualidade.

Lista de textos poéticos

Seleção de Textos: Baudelaire, *Les Fleurs du Mal*; Marti, *Versos sencillos*; Allen Ginsberg, *Aullido*; Campos, Augusto: pesquisa das sugestões deles acerca da Internet; Samoilovich, *El carrito de Enéas*; Bellessi, *La edad dorada* (os poemas sobre os criadores de caricaturas e desenhos animados); Gelman, *Padre Nuestro Del Desocupado*.⁹ A especificidade da linguagem literária e do texto poético. A internacionalidade estética na produção e na leitura. Os gêneros literários. Os gêneros poéticos. Vanguarda e poesia. Poetas vanguardistas e seus contextos históricos. A relação entre poesia, argumentação e política.

Lista de “Narrativas breves”

Seleção de Textos: Orgambide, P. (1999). *Los desocupados. Una tipología de la pobreza en la literatura Argentina*. UNQ. Gibson, W. *Quemando Cromo*. Especificidades da narrativa. Teoria do Conto. Os gêneros narrativos. O escrever realista, naturalista, *costumbrista*. A sátira. A ciência ficção e o *cyber-punk*. Textos e contextos. Técnica textual da narração. Redação de comentários sobre textos lidos e outros textos selecionados pelos alunos.

Lista de “textos jornalísticos, ou de periódicos”

Seleção de Textos: Arlt, *Aguafuertes porteñas*. A situação comunicativa. A compreensão e a produção de textos. Condições sociais da produção jornalística e periodista. Comunicação e tecnologia.. Comunicação e contexto sócio-histórico.

Abertura das listas “argumentativas” a seu sentido religioso

Trata-se de traduzir em fato concreto a mesma abertura para cada lista. O espaço limitado deste texto nos obriga a optar por uma delas apenas. A questão é saber encontrar as interrogações religiosas nos conteúdos das disciplinas “profanas”. A partir da perspectiva do pólo anual proposto para o sexto ano, trata-se de encontrar as oportunidades e as dificuldades para a alternativa do Reino na nova ordem mundial que tem surgido.

De acordo com aquilo que já asseveramos em nosso livro sobre pastoral educativa: “*Levantar Señales de Esperanza* (Vol.II, pg. 131-132), é preciso iniciar com a possibilidade do quê pode acontecer em democratização, que a linguagem e seu domínio contenham. A formação na comunicação sempre há de possibilitar mudanças. Estas podem ser tanto subversivas como criativas de comunhão. A reflexão sobre o uso dos meios de comunicação e dos monopólios de comunicação pode fazer com que surja a oportunidade da vez e voz para o povo. A polêmica “globalifóbica” pode vir a ser a oportunidade de ver isto funcionando. Este discurso subjaz nos sonhos da humanidade por uma vida mais plenamente humana.

⁹ Os títulos das obras não foram traduzidos. São os que constam no Caderno MEL original, em língua espanhola.

Uma reflexão oportuna sobre a dialética da linguagem religiosa pode ajudar a ver como toda linguagem pode ser compreendida de maneira religiosa. Com efeito, toda linguagem religiosa, num dado momento foi (e continuará sendo) uma linguagem profana. Isto decorre do fato de que as realidades transcendentais somente podem ser atingidas pela linguagem e por um raciocínio analógico: é isto, mas não o é, ao mesmo tempo. Toda realidade criada é suscetível de expressar Deus, de ser um dos “milhares de nomes” de Deus. Acontece o mesmo com a linguagem contemporânea, por estranho que isto possa parecer. O importante é ter a chave de Jesus para, na literatura e nas comunicações em geral, descortinar os sonhos, valores, sentimentos, frustrações, lutas e convicções do povo de hoje, tudo aquilo que nosso Irmão Pedro Maria Gil Larrañaga denomina de “O Grande Anseio da Humanidade,” através do qual Deus nos fala hoje.

É importante uma iniciação para as perguntas, para uma pedagogia de perguntar, como nos diz Paulo Freire. Dissemos isto no capítulo precedente e voltamos a dizê-lo. Aprender a perguntar, aprender a nos questionarmos, aprender a conviver com nossas perguntas. É esta a chave da educação religiosa. Como *Rainer Maria Rilke* diz em *Lettres à un jeune poète*: “Sê paciente com tudo quanto não foi resolvido em seu coração, e procure amar as próprias interrogações como se fossem salas chaveadas, ou livros escritos numa linguagem muito estranha. Não procure agora respostas que ainda não lhe podem ser dadas, porque você ainda não as poderia vivenciar. (...) Vivencie as perguntas agora. Vivenciando-as, talvez, em algum dia distante, pouco a pouco, você encontrará a resposta sem mesmo se dar conta”.

A adequada coordenação desses conteúdos de língua e literatura com as da área da formação cristã, permitirá ao professor desta matéria prever como, a partir do espaço da explicitação obrigatória do Evangelho, as interrogações suscitadas em língua e literatura encontrarão uma resposta específica.

Um processo de iniciação, ao mesmo tempo, é sempre um caminho de inserção na comunidade e um processo de assunção de perguntas cada vez mais radicais, cujas respostas nos põem em diálogo sempre aberto com a tradição comunitária, com a identidade narrativa de nossa comunidade de fé. Sem isto, é impossível haver pastoral educativa.

Questionário para reflexão pessoal ou em grupos

- *Que relação existe entre as formas culturais e as experiências religiosas?*
- *A interpretação religiosa dos professores sobre eles próprios e o processo de planejamento.*
- *Como poderiam vocês pôr a cultura escolar a serviço dos seus ambientes de trabalhos?*
- *Como poderiam vocês avançar rumo à historização das disciplinas de ensino?*
- *Que formação e que tipo de didática implica a aprendizagem do perguntar, e de se questionar?*
- *Convidamos a vocês a pensar suas disciplinas de ensino e sua atividade docente desde o ponto de vista acima exposto. Que dinamismos descobriram vocês? Que potencialidades? Que mudanças? Que continuidades?*

PASTORAL EDUCATIVA: A DINÂMICA DO IMPLÍCITO E DO EXPLÍCITO

*“No tempo da grande dissimulação,
muitos sinais da presença desapareceram.
Mas esta se apresenta.
Só que em regime de clandestinidade”.*
Eugênio Trias

Como já salientamos nos capítulos precedentes, uma escola com um projeto de inspiração cristã, uma escola que vivencia a pastoral educativa, não é meramente aquela em que se dão aulas de catecismo ou de ensino religioso, ou se concretizam algumas outras atividades religiosas num horário programado. Nem sequer onde se tencione estabelecer um ambiente saturado de valores evangélicos. Ela será uma escola em pastoral quando, com a mensagem evangélica, através de todo o currículo escolar conseguir atingir o pensamento e a vida dos adultos, dos jovens e das crianças que circulam nela, com vistas na construção da Igreja, em comunidades eclesiais, para a chegada do Reino de Deus no mundo.

Mas o aspecto religioso e o especificamente cristão, implícito em toda a vida escolar, especialmente nos conhecimentos, em algum momento, não pode prescindir que haja alguns espaços de explicitação da mensagem evangélica. Neste capítulo tencionamos discutir alguns elementos relativos a essa correlação dialógica do lado religioso implícito em toda a vida escolar, e do lado religioso explícito numa sequência de espaços curriculares particulares.

A Religiosidade e suas Mediações

Nós definimos a religião como um compromisso pessoal que abarca todo o universo e se manifesta pela adoração de um Deus pessoal. Assim, aquilo que é especificamente cristão é um estado dinâmico de amar sem restrições, vivido comunitariamente, pelo dom do Espírito Santo difundido em nossos corações; este dom pessoal é o complemento da encarnação de Deus no mundo.

Ainda que todos os homens nasçam com capacidade de adorar a Deus, capazes do amor universal e ilimitado, com capacidade de serem companheiros de Deus na tarefa de animar o mundo e a humanidade, malgrado tudo isto, essa capacidade muitas vezes permanece entorpecida, corrompida, deformada ou desorientada no seu rumo. Resulta disso que a relação entre religiosidade, educação religiosa e comunidade está sempre em tensão, e sempre está a exigir um grande empenho e mútua nutrição. Não existe possibilidade alguma de religião fora de uma matriz de relacionamento humano, de linguagem, de ritos e de símbolos. Na religiosidade distinguimos o relacionamento com a divindade como uma atitude profunda de relação com as mediações da divindade. Estas são sinais e valores culturalmente construídos. Mas, não esqueçamos que a primeira relação não existe sem a segunda. Não existe atitude de fé sem mediações à margem delas. As mediações se traduzem em linguagens culturais: poético-narrativas (mitos), dramático-litúrgicas (ritos), éticas, doutrinárias. São mediações lingüisticamente formuladas. Todas elas constituem tema ou tópicos do ensino religioso, a partir da perspectiva da tradição religiosa da comunidade. É isto que se refere aos espaços curriculares de explicitação da mensagem religiosa na proposta escolar. Mas as mediações superam a formulação lingüística enquanto religiosas, e se integram em toda proposta do programa escolar.

A religiosidade é evolutiva no homem e faz parte do conjunto do desenvolvimento humano, com operações semelhantes a outros traços do desenvolvimento. A interrogação religiosa

não é independente das operações da consciência, operações que são: experimentar, entender, avaliar e decidir, mesmo que não dependam só dessas operações. O pensamento religioso é também uma construção social, lingüística, e culturalmente realizada. E na educação religiosa visa-se a educar para um pensamento religioso.

Assim como no contato com outros setores da realidade, o aparecimento progressivo de capacidades operatórias determina o tipo de relação estabelecida pelo homem com a realidade religiosa do ambiente circundante e, conseqüentemente, suas possibilidades de conhecimento e de aprendizagem dessa mesma realidade. Mas, ao mesmo tempo, a urdidura de relacionamentos humanos em que vivemos, situa e dá consistência ao relacionamento com os diversos setores da realidade, inclusive a experiência religiosa. As teorias já clássicas de aprendizagem, psicogenética (*Piaget*) e sócio-histórica (*Vigotsky*), nos ajudam a compreender essa tensão: há uma capacidade operacional crescente no homem ao longo de sua vida; mas essa operação se dá na textura dos relacionamentos sociais.

A Educação Religiosa, Trabalho sobre as Mediações

Como professores, costumamos enquadrar nosso trabalho nessas duas teorias. Salientamos que, para a teoria sócio-histórica, a aprendizagem se explica a partir da linguagem, que é um instrumento cultural pelo qual é possível estabelecer relacionamentos inter-subjetivos que logo passam ao plano intra-subjetivo. O desenvolvimento humano é entendido como um processo culturalmente organizado. Desenvolvimento organizado na palavra, palavra da comunidade dos fiéis religiosos, em nosso caso.

A partir da maneira de ver sócio-historicamente as coisas, a denominada *zona de desenvolvimento próximo* é fundamental.¹⁰ *Vigotsky* a definiu como a distância entre o nível real de desenvolvimento e o nível de desenvolvimento potencial. O nível real do desenvolvimento é determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema. O nível potencial, em troca, é determinado através da solução de um problema mediante a colaboração de um adulto, ou em colaboração com algum companheiro de mais capacidade. A zona de desenvolvimento próximo está no meio. É uma situação do possível que passa pela cultura. Nos processos educacionais, por conseguinte, para juntos poder construir algo significativo, será preciso que entre as pessoas em relação, haja clareza da situação das representações e marcos de experiência, compreensão, valorização e tomada de decisão que tenham, para criar novos marcos e representações superiores, congruentes, convergentes, entre adultos e crianças, jovens ou adultos. Este trabalho se realiza fundamentalmente na linguagem. Esta é uma tarefa de diálogo. Um diálogo em que as operações mentais são muito ativas.

O que é igualmente válido na educação religiosa é a necessidade de atuar sobre os operadores (que, neste caso, são as perguntas conscientes e intencionalmente feitas sobre a realidade e sobre nossas operações sobre essa realidade) ajudando na formulação das questões dos diferentes níveis de operações) experimentar, compreender, avaliar e decidir) de uma maneira cada vez mais consciente, intencional e diversificada. A educação religiosa tem, pois, algo a ver com a diversificação da consciência e com o trabalho sobre a linguagem ligada a ela, de maneira a poder colaborar na passagem progressiva da simples experiência para a linguagem que a nomeia; da linguagem à cultura literária que entesoura a história religiosa dos povos sobre sua compreensão e valorização da experiência, sobretudo na Bíblia (ou no Alcorão, nos Vedas, ou nos textos

¹⁰ Agradeço à Lic. Viviana Aragno pelo *insight* sobre a relação entre as colocações de Bernard Lonergan com a noção vigotskiana de zona de desenvolvimento próximo. A brevidade deste capítulo não permite o desenvolvimento que este tema mereceria.

próprios de qualquer tradição que seja) e as tradições humanistas que deles derivam; da cultura literária ao pensamento lógico que estrutura cientificamente, nas disciplinas teológicas, o saber sobre a experiência; e do pensamento lógico ao pensar metodológico que reflete sobre as condições, estruturas e métodos das teologias.

Uma Comunidade Docente que torne possível a Educação Religiosa

Como referimos até aqui em todos os capítulos, é fundamental a existência e a coerência de uma comunidade de fé, na qual a formulação da pergunta religiosa possa ter sentido e respostas. Sem adultos não existe a possibilidade de uma interação educativa. Sem adultos que tenham fé, não existe possibilidade de mediações religiosas nas quais as perguntas que surgem espontaneamente na consciência das crianças e dos jovens (quando não tiverem sido obstaculizadas pela cultura positivista) possam encontrar uma resposta. Mas há um diálogo e uma auto-apropriação prévios que, caso não forem realizados pelos próprios educadores, farão com que a educação religiosa só aconteça por acaso, ou, talvez, por milagre. Na comunidade de fé, o significado que pode suscitar perguntas e respostas religiosas se articula de variadas maneiras. Sobretudo nesta época de dissimulação de tudo o que é religioso, que em outras épocas era culturalmente tão notável e evidente, e que hoje está retornando de uma maneira nova. O que tange o religioso hoje, acontece na ausência da recordação de seus sinais clássicos, sobrevive clandestinamente, como um acontecimento simbólico, no empenho pela justiça, no deslumbramento ante a vida e o mundo, no encontro consigo mesmo, na inclinação para o amor, no encontro com a dor, no encontro com a morte, com os limites éticos e estéticos, na busca de um sentido da vida. Estas são as experiências sobre as quais a comunidade de fé dos professores tem que meditar se quiser possibilitar um ambiente de desenvolvimento religioso junto das crianças e dos jovens, e entre os próprios adultos.

Torna-se necessário um diálogo que permita meditar sobre as variadas mediações religiosas, como os encontros interpessoais, nos quais os significados e os valores atuam como compromissos vitais, afetivos e efetivos. Também sobre os significados e os valores encarnados nas pessoas e nas comunidades: Jesus Cristo, os santos, as igrejas, as congregações, os homens e as mulheres que conhecemos; outrossim, sobre as expressões artísticas que materializam significados e valores não formulados linguisticamente.

Questionar e Questionar-se é a Maneira de Trabalhar

O pensamento religioso e sua possibilidade, sua apresentação como pergunta, tem a ver com aquilo que, junto com *Bernard Lonergan*, poderíamos denominar de “o operador simbólico”, ou seja, uma pergunta dirigida à vida como símbolo, como significado vivido no encontro interpessoal, nos próprios significados, na arte. É uma pergunta que questiona o afeto acerca da intencionalidade determinável desses significados. Uma pergunta que questiona se aquilo que sentimos, acaso não tenha sua raiz num fundamento acima do sensível. Uma pergunta que se anime a questionar o misterioso, o fundante, o incondicionado, o último, o supremo, o definitivo. Uma pergunta que ensine a questionar sem restrições pelo fundamento do mundo, da dinâmica histórica, da liberdade, da ética, das limitações da vida, do sentido da vida, o amor sem limites. Uma pergunta que não pode ser formulada fora da comunidade, porque é uma pergunta de um afeto a outro afeto. Somente neste ambiente de amor baseado na fé, tem sentido um exemplo como aquele que proporemos no final deste capítulo.

Toda a realidade se comporta como um símbolo. A vivência afetiva dos diversos compromissos pessoais na comunidade de fé, produz uma série de simbolizações que podem servir para coordenar as potencialidades e as necessidades afetivas com umas metas superiores ao controlar o surgimento das imagens e dos afetos. A passagem da vivência afetiva para a experiência conscientemente realizada, é uma dessas metas superiores. É por aí que inicia o caminho da pergunta religiosa. O operador simbólico trabalha assim: perguntando pelo significado oculto no simbólico. Ensinar e aprender a perguntar se torna fundamental.

Convém, pois, que a comunidade docente se dedique a investigar cuidadosamente sobre esses significados simbólicos na vida escolar. Assim, por exemplo:

- Por um lado estão os símbolos religiosos convencionais que, provavelmente, sejam conhecidos pelos alunos, e que devem ser ressignificados para que cumpram a função que lhes cabe no processo de suscitar a pergunta religiosa: imagens religiosas, festas e devoções populares, os rituais e os sacramentos...
- Por outro lado estão os influentes significados do amar e do ser amado, do contato afetivo com a dor de um próximo, com todas as pessoas que sofrem, com os amigos, com aquelas pessoas que estimamos, com a natureza, com a música, com os atos de justiça, com os lugares sagrados ou os santuários, com as limitações da vida pessoal e a dos outros, com os testemunhos de fé...
- E podemos tentar investigar em que medida os elementos da vida escolar podem conter um significado religioso. O clima afetivo é um potencial que as disciplinas escolares muitas vezes ocultam. Mas, sem paixão não há nem ciência nem arte. É nisto que subjaz a dinâmica do implícito e do explícito como diálogo entre as disciplinas de ensino e os horários escolares de explicitação do Evangelho.
- A pesquisa do contexto e da história das disciplinas de ensino também oferece um modo de conectar as perguntas que deram origem aos conhecimentos com eles como respostas. E podem abrir-se ao significado oculto do seu fundamento.

Abre-se aqui a possibilidade de considerar com espírito de fé o mundo e suas mediações culturais. As interrogações religiosas que surgirem no desenvolvimento das disciplinas, quando seu conteúdo religioso puder ser aberto pelos professores e os alunos em sua busca, encontrarão roteiros de resposta nos espaços de catequese, de pastoral da juventude ou de ensino religioso.

Os Espaços Escolares de Explicitação do Evangelho

A comunidade de fé não apenas propõe símbolos e experiências de encontros interpessoais, mas propõe também formulações de seus crenças. Se entendermos que a fé é um conhecimento nascido do amor experienciado, parecerá importante pensar a catequese escolar (ou a educação religiosa em termos gerais) como a possibilidade de abertura de um espaço consciente e acompanhado, para a contrastação das crenças com a própria vida, não tanto a partir de uma olhada moralista ou controladora, do que naquilo que se refere à possibilidade de reflexão sobre a verificação dos mistérios da fé (Santíssima Trindade, Encarnação, Redenção, Mundo Futuro) em nossas vidas pessoais, comunitárias e sociais. Porque Deus é a Vida de nossa vida, a Matriz de nossa cultura. Tudo quanto referimos em capítulos anteriores sobre a articulação das ciências sociais com a cristologia (segundo os pólos de planejamento de conteúdos que viemos trabalhando e que denominamos de historização) se enquadra aqui. Essa meditação comunitária na

hora de planejar é necessária para verificar a realização da mensagem cristã nas instituições modernas ocidentais, verificar sua dialética em estado de suspensão e sua abertura ao idealístico. É o âmago da dinâmica implícito/explicito, e que origina uma proposição como a do exemplo que proporemos no final do capítulo.

Na catequese sempre convém ter presente o caráter dialético do processo que se dá entre a vida e as crenças, uma vez que o processo de auto-apropriação está sempre em tensão entre aquilo que nos faz avançar e o que deixamos para trás. Há formulações que nos são de ajuda durante algum tempo. Há mistérios cristãos e formulações de nossas crenças que encontraremos vivos em nossas realizações pessoais ou comunitárias por certo tempo. Depois, talvez, não nos digam mais nada, e tenhamos que prosseguir na busca.

O acompanhamento, tanto das pessoas como dos grupos, consistirá numa série de estratégias de amor terapêutico e de amor criativo para colaborar na diminuição dos desvios pessoais, grupais e institucionais, até que metas mais autênticas tenham sido atingidas. Neste acompanhamento, o trabalho sobre os sentimentos é importante. Esses sentimentos são tanto aqueles que nos vinculam ao simbólico quanto aqueles que nos permitem anuir à consciência dos valores. O elemento religioso não se reduz aos afetos nem às intelectões. Porque a experiência religiosa cristã deve ser compreendida como um amor sem restrições, como um estado dinâmico e consciente de amor, alegria e paz, manifestado em magnanimidade, afabilidade, bondade, confiança, mansidão, autocontrole (*Gl 5, 22; 1Cor 13, 4-7*). É a experiência do mistério que nos possui e nos faz viver. A experiência se manifesta numa mudança de atitudes quando somos afetados pelo mistério. A maior compreensão do significado do mistério e das crenças levará a uma experiência mais consciente e intencional. A fé cristã é o conhecimento que brota dessa experiência do amor cristão.

Todavia, tanto o fiel crente (de qualquer religião) como o não-crente (de todas ou de algumas religiões) têm relação com as construções culturais que conformam, para o crente, mediações religiosas, sem as quais não há relação com Deus. Para um e para outro, as tradições religiosas são parte do imenso patrimônio cultural da humanidade que deve ser reconhecido, compreendido, valorizado, e sobre ele devem ser tomadas decisões com vistas na construção de uma comunidade plural de crentes e de não-crentes por valores comuns; e isto com todas as tradições culturais.

A estrutura das mediações é complexa. Isto necessita de um enfoque econômico, histórico, lingüístico, filosófico, teológico e religioso. Mas, sob a desculpa de seu caráter cultural, não se pode evitar a intencionalidade divina. E isto com as mediações religiosas de todas as tradições (*Rm 1, 19-20*).

Ademais, uma tarefa se impõe: a reflexão sobre a história dos efeitos da mensagem religiosa no mundo. Há mediações da realidade religiosa, mas há também efeitos do meio religioso. Por exemplo, é possível reconhecer nas noções de família, liberdade, autoridade, progresso, justiça...ocidentais, e em suas formas históricas, alguns elementos próprios e outros derivados da mensagem judeu-cristã. Este é um necessário *interplay* entre o meio religioso e outros meios.

Uma Exemplificação de Trabalho Explícito-implícito

“Será que todas as revoluções culminam fatalmente em institucionalizações que atraíam seus ideais?”

Pomos à disposição uma seleção de conteúdos que apresentam um pólo de historização como aquele que caracterizamos no capítulo anterior. A equipe de professores que elaborou esta proposta, utilizou esse pólo para a seleção dos conteúdos de todas as disciplinas de ensino do *Polimodal de Humanidades*, de acordo com o Projeto de Programação da Província de Córdoba, Argentina, correspondente ao Segundo Ano do Ciclo de Especialização (Polimodal) numa escola católica com catequese escolar segundo as diretrizes do *Directorio Catequístico General* (73-76). Dentro das possíveis variantes didáticas, para uma das etapas do ano, os professores optaram pelo desvio do pólo histórico/cristológico correspondente a esse ano de estudos (*configuração da terceira fase do capitalismo e sua lógica cultural/a identidade cristã como lugar no mundo vivido em comunidade*) um tópico gerador que permite encarar planos de aula durante um quadrimestre. Na dinâmica que viemos explicando, a dimensão religiosa implícita nos diversos conteúdos recebe uma explicitação numa disciplina especificamente “religiosa”. Esses conteúdos que explicitam a mensagem do Evangelho só serão compreendidos como tais se no restante das disciplinas forem despertadas interrogações sobre a dimensão misteriosa de seu sentido.

Disciplina	Conteúdos
LÍNGUA	Periodização literária no mundo e na América Latina. Os progonismos poéticos do século XX. Seu apogeu e sua decadência. O pioneirismo como sintoma de um declínio e como projeto impossível. O discurso inovador nos manifestos e nas realizações poéticas. Especificidade da linguagem e dos procedimentos poéticos de inovação. Os procedimentos como distanciamentos e contribuições para o sistema e a norma lingüística. A crítica literária e a vinculação da literatura com outros domínios culturais e sociais. O quadro de Tarsila do Amaral em relação com a Antropofagia Brasileira como movimento literário. Oliverio Gironde: <i>Manifiesto Martín Fierro y Veinte poemas para leer en la tranvía</i>. Oswald de Andrade: <i>Manifesto Pau Brasil, Manifesto antropófago</i>, Vicente Huidobro: <i>Non serviam y Altazor</i>. César Vallejo: <i>Trilce</i>. Produção de Textos: manifestos, poemas (poesia) e comentários críticos. Comunicação oral: exposições, o Plano das exposições e dissertações.
INGLÊS	O discurso teatral. O teatro isabelino. A obra de Shakespeare. O inglês arcaico e suas particularidades fonéticas, morfológicas e sintáticas. Técnicas literárias de Shakespeare. <i>Ricardo III</i>, de Shakespeare. Leitura, análise e representação de cenas da obra. Linguagem de teatro e linguagem de cinema. Cinema e literatura. Análise de um filme e suas analogias com o nazismo. A representação do mundo da tirania. Leitura no contexto histórico da produção textual e de filmagem. Leitura no contexto histórico e atual. Análise morfosintática de excertos de obras.
MATEMÁTICA	Estatística descritiva aplicada aos problemas de urbanismo do século XX e as crises econômicas do primeiro quarto do século: classificação e ordenação de dados. Representação gráfica de estatísticas. Interpretações distintas dos mesmos dados. Carência de recursos, modos de operação e variação. O problema da sorte e da necessidade. Suas expressões matemáticas.

CIÊNCIAS SOCIAIS	HISTÓRIA: As revoluções burguesas e o surgimento dos estados nacionais. A dinâmica revolução/institucionalização. A Revolução Francesa. Revolução de 1848. Revolução de 1917. Revolução Mexicana. Revolução Cubana. Estruturação de explicações das múltiplas causas para o problema. Entendimento do momento do surgimento das inovações artísticas em relação com o declínio de uma etapa de expansão do capitalismo e da institucionalização das burguesias na Europa e na América. Análise da Declaração dos Direitos do cidadão e do Manifesto Comunista. GEOGRAFIA: Problemas do urbanismo do século XX. As inovações e seus discursos como sintomas do declínio de uma socialidade específica. Alternativas para a vida urbana e a economia de base industrial.
PSICOLOGIA	Contexto do surgimento da psicologia como domínio científico específico. Sua coincidência com o tempo das inovações. Os tópicos freudianos e sua crítica pós-estrutural. Análise da institucionalização como processo psicológico.
EDUCAÇÃO MUSICAL	Inovadores musicais. Processos de inovação e de academização. Relações entre inovação e música popular: jazz. Relações entre política e música de inovação: a música concreta. Percepção auditiva. Audição crítica de diferentes versões. Gêneros e estilos. Elementos constitutivos da linguagem musical inovadora: som, fontes sonoras, tecnologia, organização temporal/espacial do som, arranjos melódicos, ritmo, harmonia, flutuação, inovações e tecnologias.
BIOLOGIA	O problema da continuidade e das mutações. Teoria da evolução. Os processos da seleção natural e da adaptação. Diversidades biológicas. Análise das mutações e permanências em alguns seres vivos. Biodiversidade e sobrevivência. O pensamento ecológico como revolução e institucionalização.
QUÍMICA	O conceito de transformação. Fenômenos transformadores do mundo orgânico e do inorgânico. Análise de variáveis. Representação simbólica. Princípio da conservação de massa e de energia. A segunda lei da termodinâmica e os problemas do tempo e do caos.
EDUCAÇÃO FÍSICA	A olimpíada como revolução e institucionalização no início do século XX. As provas olímpicas: sua evolução. Análise de desempenhos atléticos individuais e de equipes. Treinamentos e habilidades em algumas modalidades olímpicas.
TÉCNICAS DE GESTÃO	A organização humana como institucionalização. As revoluções tecnológicas e suas institucionalizações. A relação entre participação nos lucros e produção. Processos de gestão e revolução: compreensão a partir de modelos diferentes.
FORMAÇÃO CRISTÃ	A religiões como institucionalizações. O cristianismo como revolução que se institucionaliza e revoluciona a si mesmo. O poder revolucionário do Mistério de Cristo. As realizações históricas do cristianismo: feudalismo medieval, modernidade ocidental, o espírito cristão do capitalismo, anarquia cristã, socialismo cristão. Continuidades e discontinuidades entre o Jesus histórico e os cristianismo originários. Processos de ruptura no cristianismo antigo e o contemporâneo. Institucionalizações das inovações cristãs de motivação religiosa: o monaquismo, a pobreza absoluta, os mendicantes, movimentos eclesiais leigos. A urgência de um cristianismo militante para o século XXI.

Questionário para reflexão pessoal ou em grupos

- *Em que medida a seleção de conteúdos que aparece nas páginas precedentes haveria de favorecer o diálogo entre o implícito e o explícito da mensagem cristã?*
- *Vislumbram vocês alguma maneira prática para obter êxito?*
- *Como percebem vocês a relação entre a catequese escolar e as outras disciplinas de ensino?*
- *Na opinião de vocês, como poderiam contribuir na instauração da pastoral educacional a partir de suas atuações na obra educativa onde atuam?*
- *Formulem alguma interrogação que poderia ajudar a reconhecer os operadores e os símbolos presentes em suas escolas.*

ALGUNS LAMPEJOS LASSALIANOS PARA PROSSEGUIR NA BUSCA

*“Assim Deus se serve das luzes naturais
e das adquiridas pelas ciências humanas
para levar os homens a si
como o fez com São Dionísio
e outros”*

São João Batista de La Salle – Med. 175, 1.

A pastoral educacional não é nem tanto uma questão de organização escolar nem tanto de planejamento educativo. É uma maneira de *visualizar* na fé a tarefa educativa, as disciplinas escolares, a faina de todos os dias”.

À guisa de indicar um roteiro, indicamos alguns tópicos centrais da espiritualidade lassalista, que, baseados em nossa identidade comunitária, podem ajudar numa revisão da fundamentação desta proposta pastoral.

- A unificação profunda da vida como caráter espiritual básico: não fazer distinção entre nossas tarefas profissionais e nossa vida espiritual.
- O espírito de fé, como maneira de ver o mundo como Deus o vê, agir buscando Deus no âmago das próprias atividades, considerar a história como um diálogo com Deus.
- A lembrança da santa presença de Deus, que tem a prioridade sobre a profundidade do mundo, na profundidade da Igreja e na profundidade do homem. Esta lembrança é uma maneira de cultivar o espírito de fé com a leitura da Sagrada Escritura, e de sustentar e garantir a vida interior.
- A adoração de Deus presente como ato que emana da fé de sua presença e de sua glória. Adoração em Jesus Cristo, Filho de Deus, Primeiro Adorador. A religiosidade que vivenciamos em Jesus, em seu seguimento.
- Jesus Cristo, feito homem, mistério básico de toda vida humana. Jesus Cristo, por seu Espírito derramado em nós, Vida da nossa vida.

Questionário para reflexão pessoal ou em grupos

O quê seria necessário para fazer uma síntese entre fé, cultura e vida em nível pessoal? No caso de haver uma dissociação ou falta de coerência, quem seria prejudicado? Que novos procedimentos poderiam ajudar no esforço para chegar à desejada harmonia?